

Trabalhando história local: possíveis abordagens

*Maria Sílvia Duarte Hadler**

Memórias que se cruzam. Olhares que se encontram/desencontram. Sentimentos/ressentimentos que se permitem aflorar. Um espaço permeado de uma certa tensão, sugerindo um entrelaçamento de indagações, surpresas, concordâncias, divergências.

Essa é a ambiência em que nos vemos envolvidos quando participamos de um processo de trabalho de formação de professores. Um espaço delicado em que diversas vozes e sujeitos contracenam num esforço comum de produzir algum conhecimento; no caso, um conhecimento histórico-educacional que seja capaz de movimentar sentidos, experiências, reflexões.

Não se pode deixar de levar em conta que em atividades que possam fazer parte de um processo mais amplo de formação de professores estejam presentes memórias diversas trazidas por estes, de forma explícita ou velada, acerca de práticas educacionais, sejam elas mais presentes ou mais remotas, que envolvem concepções diversas sobre os significados e/ou a falta de significados da História na escola.

Estas questões estiveram presentes na experiência de trabalho de que participei com as professoras da rede pública municipal de ensino em Campinas. Docentes dos primeiros ciclos do Ensino Fundamental possuem uma formação heterogênea no tocante a uma área de conhecimento como a História, e aí nos deparamos com diversas visões do trabalho educacional com História, que vão desde uma concepção tradicional dos fatos e sujeitos históricos, até concepções que incorporam o compromisso com a formação de um aluno com mais capacidade de leitura crítica de seu mundo.

Trata-se, portanto, da necessidade de um diálogo entre vozes diversas, entre sujeitos diversos presentes num mesmo espaço. No meu breve contato com estas professoras pretendia, sobretudo, abrir a possibilidade de uma conversa no campo da História, dialogando com suas experiências escolares, dialogando com saberes produzidos no espaço da escola e acreditando, fundamentalmente, na possibilidade de contribuição para a constituição de uma prática mais autônoma dessas professoras na relação com seus alunos.

Elegemos como eixo norteador do trabalho a questão da modernidade de modo geral, discussão essa referenciada, sobretudo, pelas colocações presentes nos trabalhos de Walter Benjamin e também de Marshall Berman.

Quando iniciei meu trabalho, as professoras já tinham participado de uma discussão prévia sobre esta questão. Propus-me, então, a trabalhar na perspectiva da história local, da história de Campinas, discutindo alguns momentos iniciais do avanço desta modernidade na cidade, localizados nas últimas décadas do século XIX e início do XX. Pretendia que a discussão abrisse espaço para indagações sobre como esse processo foi sentido, vivenciado e também, sobretudo, “imaginado”, construído por campineiros daquele período.

As professoras presentes naquele momento colocaram que sentiam dificuldades em trabalhar com crianças noções de tempo histórico, de contexto de uma época e, possivelmente, também se sentiam pouco motivadas a abordarem uma história da cidade recheada de nomes ilustres de barões do café, advogados, jornalistas ou outros nomes considerados importantes, muitos deles eternizados em monumentos e praças da cidade. O que fazer com todos estes nomes e estes monumentos? Era importante, então, que tivessem uma visão mais ampliada de como abordar a história da cidade neste período, que fosse possível ultrapassar a visão de uma história do passado encarcerada fundamentalmente no raio de atuação daqueles personagens, que visualizassem outras abordagens possíveis.

Procedemos, de início, a uma colocação sobre o contexto histórico-cultural de Campinas entre as últimas décadas do século

XIX e início do século XX, procurando oferecer subsídios para a indagação de por que considerar esse momento da história da cidade como significativo sob a ótica da modernidade.

Neste momento, Campinas havia se firmado como um centro da maior importância no contexto da produção cafeeira, constituindo-se como um ponto fundamental de ligação entre áreas produtoras do interior e da capital. A cidade se encontrava num momento de intensificação de seu processo de urbanização.

A instalação das ferrovias a partir de 1872, com a inauguração da Estação da Companhia Paulista, vai se constituir num elemento de impulso do crescimento da área urbana e, sobretudo, dinamizador das relações socioculturais que permeiam esse cenário urbano.

As últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX constituem, pois, para Campinas, momentos muito significativos da construção de imagens a respeito da cidade como moderna, em franco progresso, civilizada.

Sobretudo a partir da década de 1870, explicitam-se referências a essa busca mais afoita pelo progresso e pelos “melhoramentos” urbanos a ele associados. São feitos investimentos significativos na área urbana, seja na construção civil, em melhoramentos de toda sorte, seja no setor de transportes e em atividades industriais. O espaço urbano está sendo objeto de um processo contínuo, embora não homogêneo, de modernização.

A presença do Teatro São Carlos, proporcionando um maior dinamismo da vida cultural, constitui um símbolo significativo desse avanço da modernidade na cidade.

A chegada contínua de imigrantes, contribuindo para a formação de um mercado de trabalho livre se processa paralelamente à inauguração de hospitais, como o da Santa Casa de Misericórdia (1875), da Real Sociedade Portuguesa da Beneficência (1879), o Circolo Italiani Uniti (1884), e à instalação de escolas como o Colégio Internacional e o Colégio Culto à Ciência em 1874, frutos da iniciativa particular e a Escola Correia de Melo em 1881, por iniciativa da prefeitura municipal da época.

A Companhia Campineira de Iluminação a Gaz, de 1875, a formação da Companhia Campineira de Carris de Ferro em 1878, responsável pelo serviço de bondes movidos a tração animal, inaugurado em 1879, contribuem também para a visão, que vai se constituindo na imprensa, de uma cidade extremamente empreendedora, que progride a olhos vistos.

O Club Semanal, o Passeio Público, “perfeitamente ajardinado e arborizado”, onde aos domingos sempre há uma banda de música a entreter, a criação do Hypódromo Campineiro, prédio “em nada inferior ao de São Paulo”, e o Rink Campineiro, desde 1878 destinado à patinação, são locais que com muita “elegância e gosto” servem de ponto de reunião da elite campineira.

Essa elite viaja com freqüência à Europa, sobretudo a Paris, recebe “o jornal de modas parisienses” A Estação, dedicado “às senhoras brasileiras”, freqüenta o ateliê da Photographia Campinense, localizado na Rua Direita e dirigido pelo fotógrafo Jacques Vigier, que teria sido premiado e trabalhado em diversos estabelecimentos de Paris.

As discussões havidas neste momento apontavam para a necessidade de ultrapassar a enumeração dos acontecimentos, das novidades do espaço urbano. Era preciso que procurássemos ver a interrelação entre esses eventos, entre si e também em relação a aquilo que já estava posto, estabelecido. Era preciso que atentássemos para uma outra dinâmica das relações sociais no espaço urbano que então estaria se anunciando.

Havia indícios, portanto, de um ritmo urbano mais acelerado, de uma dinâmica urbana mais complexa. Naquele contexto histórico-cultural, ser moderno significava ser republicano, abolicionista, imigrantista, entusiasta do progresso, da higiene, sintonizado com o que acontecia na Europa, sobretudo em Paris, e também com os Estados Unidos.

Em outro momento do trabalho analisamos alguns textos encontrados em jornais e almanaques da época, que poderiam ser tomados como indícios de uma mentalidade e de uma sensibilidade

de perfil mais moderno que estaria se constituindo no período. Um destes exemplos podia ser encontrado num artigo do jornalista Francisco Quirino, pertencente à elite urbana ilustrada da cidade, que escreve no jornal “A Gazeta de Campinas” um entusiasmado artigo a respeito da inauguração da estação de trem da Paulista, em Campinas, no dia 11 de agosto de 1872.

O jornalista em questão expressa uma sensibilidade mais receptiva e mais entusiasta dos avanços da técnica. A chegada do trem na cidade se mostrava impactante tanto pela interferência que provocava no desenho urbano da cidade, como, sobretudo, pelo que despertava, ao mesmo tempo, de fascínio e de temor por um poder tecnológico que parecia se colocar acima dos homens comuns. Uma certa sensação de maravilhamento pelo acontecimento, a forte impressão da visão de uma grande quantidade de pessoas, “uma multidão” a formar um “verdadeiro oceano revolto de cabeças”, jogavam o jornalista numa espécie de cumplicidade emocional com aquele “espetáculo maravilhoso” da visão do trem chegando à Estação, acompanhado de aclamações que se erguiam num “ímpeto tão sublime”, com os aplausos e os vivas a testemunharem a “apoteose majestosa do gênio do homem identificado com o símbolo das grandes invenções modernas”. O jornalista Quirino dos Santos, sem dúvida, expressaria uma expectativa que devia ser compartilhada por uma parte expressiva da população campineira: a expectativa de uma cidade que se quer moderna, em busca do progresso, agora concretizado na presença do trem, em sintonia com os avanços técnicos presentes nos locais mais avançados do mundo ocidental.

Outro indício da existência de um processo de configuração de sensibilidades modernas poderia ser apreendido num artigo sobre a leitura de almanaques, escrito pelo jornalista e escritor Carlos Ferreira, encontrado no “Almanach Popular de Campinas para o anno de 1879.” Neste artigo é anunciada uma percepção de um tempo mais veloz, de um ritmo mais acelerado como marca do momento em que vive, o que estaria produzindo efeitos no caráter

da leitura e dos livros de maior aceitação pela sociedade, o que era o caso dos almanaques. De acordo com esse autor, tudo aquilo que não for “leitura ligeira, enfim, não pode actualmente ser agradável ao espírito”. Declarando estar consciente do espírito do século e também do almanaque, afirma que “o escrever de hoje é como o adejar da bolha de sabão, o voar do colibri, o correr das estradas de ferro!...” A velocidade dos acontecimentos, a rapidez das mudanças faz o autor constatar que “uma certa impaciência apodera-se dos espíritos e os lança em uma verdadeira vertigem de aspirações, das quais a principal é saber muito sem ler muito”. Nesse sentido, o almanaque, um “livro pequeno e variado”, deve ser o livro que “satisfaz o ideal da leitura moderna”.

Trens, invenções técnicas, almanaques, velocidade, ritmos acelerados, percepções de transitoriedade, de fugacidade são componentes constantes, mesmo que de forma heterogênea, de diversos espaços urbanos do mundo ocidental. O encantamento com a técnica, com as novidades trazidas pelas invenções modernas, o misto de deslumbramento e temor em relação ao aumento dos espaços urbanos e à presença maior e mais freqüente de pessoas de diversos segmentos sociais no cenário urbano são elementos presentes de modo geral em diversos centros urbanos e que se manifestam também em sua forma singular e em sua especificidade no espaço urbano campineiro.

Elementos que também estão presentes, em Campinas, nas manifestações de entusiasmo por ocasião da festa de inauguração dos bondes movidos a tração animal, em 25 de setembro de 1879. A descrição da festa, na imprensa da cidade, também nos traz elementos indicativos de uma sensibilidade moderna que está se constituindo neste período. A novidade do bonde, sua associação à idéia de progresso urbano, são saudadas com os ingredientes de um espetáculo, um espetáculo moderno, em que, sobretudo, se assiste à celebração da presença de mais um ícone da modernidade com muitos fogos, banda de música, ruas embandeiradas, brindes, discursos, autoridades diversas e, sobretudo, muito povo nas ruas.

O bonde, associado a um processo de expansão urbana, representa, neste momento, mais um símbolo de confirmação de progresso, de sintonia com os melhoramentos técnicos presentes em várias outras cidades do país e do mundo. A presença do bonde em Campinas é simultânea à presença desse veículo em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Paris, em Londres. De alguma forma, a presença do bonde no espaço urbano também é responsável pela instituição de formas de sociabilidade urbana. A convivência, mesmo que por um período curto de tempo de um número maior de pessoas no mesmo veículo durante o trajeto, leva à necessidade de explicitação de padrões de comportamento, de regras de civilidade urbana.

Exemplar desta nova realidade urbana é a conhecida crônica de Machado de Assis, “Como comportar-se no bonde”, escrita neste período no Rio de Janeiro, em julho de 1883,¹ em que elabora de forma divertida e irônica uma série de regras para os usuários de bonde. Através dessas regras pode-se perceber um processo em curso de interferência dos bondes na vida social, sugerindo limites aos comportamentos dos freqüentadores, redimensionando-se aspectos das relações entre público e privado.

Assim, na listagem das regras, colocadas sob a forma de artigos, os “encataroados” são aconselhados a “não tossirem mais de três vezes dentro de uma hora” se quiserem entrar nos “bonds” ou se “a tosse for tão teimosa” que andem a pé, “que é bom exercício”. E se estiverem nas extremidades dos bancos, “devem escarrar para o lado da rua, em vez de o fazerem no próprio bonde”, o que sugere possivelmente a ocorrência não rara do hábito de escarrar em locais pouco adequados. Os passageiros devem ter cuidado também com a posição das pernas, pois “as pernas deve trazer-se de modo que não constranjam os passageiros do mesmo banco”. Também devem ter cuidado com a leitura de jornais durante o trajeto, não abri-los de forma que cheguem “a roçar as ventas dos vizinhos, nem levar-lhes os chapéus”. Usar quebra-queixos [charutos de baixa qualidade] apenas quando se está sozinho no bonde ou quando se

desce dele; os “amoladores”, que não se percebem inconvenientes, que sentem “necessidade de contar os seus negócios íntimos, sem interesse para ninguém”, deveriam primeiro perguntar ao passageiro escolhido “se ele é assaz cristão e resignado”. Não escapam das regras os que costumam lançar saliva nos outros quando falam; para estes “reserva-se o banco da frente para a emissão dos perdigotos”; também não são poupadas as pessoas com “morrinha”[mau-cheiro] que podem participar dos bondes apenas indiretamente “ficando na calçada, e vendo-os passar de um lado para outro”.

Pode-se ler através desta crônica uma certa tensão entre formas de sociabilidade urbanas que coexistem: padrões de comportamento ainda em vigor e padrões novos de civilidade urbana, mais de acordo com o ideal de um cidadão moderno, higiênico, progressista, antenado com os preceitos de urbanidade da moderna civilização ocidental, então, em pleno desenvolvimento. Pode estar sendo sugerida aqui, através da presença do bonde, uma certa educação dos sentidos, das sensibilidades, configurando novas formas de sociabilidade urbana.

Embora ligada predominantemente à agro-exportação, a cidade de Campinas se projeta através de sua imprensa e também de seus fotógrafos, com uma imagem de cidade que se pretende moderna, afinada com os padrões civilizatórios que circulam pelos diversos centros urbanos do período.

A percepção dessas pretensões também esteve presente no trabalho realizado com imagens iconográficas em um outro momento do curso. Trabalhamos com imagens dos diversos edifícios e espaços comumente celebrados nos registros fotográficos do período, reproduzidos constantemente nas publicações referentes à história da cidade. Imagens relativas à Estação, ao bonde puxado por burros, ao Colégio Culto à Ciência, à Escola Complementar, ao Liceu, ao Hipódromo, ao Passeio Público, ao Largo do Rosário, à Catedral, ao Teatro São Carlos, entre outras. Também foram trabalhadas imagens de interior de casa urbana de fazendeiros da

época, de ruas de comércio, como, por exemplo, a antiga Rua Direita, hoje Barão de Jaguará, que exibia um comércio variado e mesmo sofisticado, com suas casas que ofereciam diversos produtos importados.

Essas imagens iconográficas expressam, de algum modo, hierarquias de valorizações/desvalorizações. Por um lado, precisamos ter o olhar atento para o que estas imagens revelam, mostram daquilo que é valorizado, que é tido como relevante para ser registrado. Por outro, precisamos nos dispor a indagar sobre o que está ausente daqueles registros iconográficos, ou sobre o que está apenas sugerido, disponível para o olhar atento de um leitor, mesmo não sendo o foco de interesse de quem produziu aquela imagem.

Nesta perspectiva de trabalho o espaço urbano aparece melhor em sua incompletude, em suas contradições, em sua diversidade; oferece outras possibilidades de indagação, de pesquisa, rompendo com uma visão monovalente da cidade. A cidade não é só o que está sendo mostrado, o que está sendo valorizado pelo olhar de quem produziu aqueles registros; podemos levantar hipóteses a respeito da existência de diversos outros personagens da cidade, a respeito de outros modos de pensar e viver no espaço urbano.

Também foram utilizadas para análise diversas fotos da área rural de Campinas entre o final do século XIX e início do XX, feitas pelo excelente fotógrafo amador e também fazendeiro Austero Penteado. Um interessante contraponto às cenas urbanas do olhar romântico do mundo rural pelo fotógrafo. Cenas de pesca, de caça de marrecos, patos; matas generosas, de aspecto exuberante, rios de águas claras, num cenário que deixa entrever alguns trabalhadores, crianças e lavadeiras surpreendidas com suas trouxas de roupas em meio às pedras de rios. Outros personagens, outros cenários ampliando a diversidade sociocultural destes momentos.

Trabalhar com textos jornalísticos ou literários e com uma diversidade de imagens iconográficas permite a discussão dos documentos, das fontes de pesquisa, uma abordagem extremamente

importante num processo que pretenda oferecer alguma contribuição para a formação de professores que possam tratar de História em suas salas de aula. Trata-se de uma discussão sobre procedimentos fundamentais do historiador e, por conseguinte, sobre os processos de produção do conhecimento histórico. Discutir o documento não como ilustração ou como confirmação de uma certa verdade, mas como portador de uma versão, de um ponto de vista. Interrogar-se sobre a autoria de um documento; compreender o autor produzindo aquele documento a partir de um lugar sociocultural, um “lugar” que expressa visões, expressa percepções acerca daquele momento. Portanto, essa perspectiva permite que nos indaguemos também pelo que está implícito, pelo não dito, pelos silêncios, pelos personagens ausentes.

Em síntese, além das informações pertinentes ao período em foco, discutimos concepções de História, a noção de documento histórico, o tratamento das imagens iconográficas. Havia a intenção de oferecer um leque de possibilidades de trabalho, de contribuir para a constituição de um olhar mais amplo e diversificado sobre o período enfocado.

Ao trabalharmos sob a perspectiva desse panorama geral da cidade nas últimas décadas do século XIX, em especial, tínhamos possibilidade de colocar em discussão concepções arraigadas sobre a história local, por um lado, e sobre a história de Campinas, por outro.

Tem sido recorrente na tradição historiográfica campineira, em especial em sua vertente memorialística, uma visão desse período como sendo muito marcado pelo empreendedorismo, pela livre iniciativa de perfil audacioso de campineiros ilustres, fazendeiros de café, capitalistas, profissionais liberais de grande envergadura.

Sem desconsiderar a capacidade de atuação desses personagens, cabe chamar a atenção para uma visão elitizada de explicação acerca da construção desses momentos de avanço de uma Campinas mais moderna, sintonizada com o que ocorre de atualizado no país e no mundo. Uma visão que restringe a capacidade de ser sujeito a uma camada da elite rural e urbana de Campinas.

Essa visão dos personagens importantes da cidade, agindo predominantemente por iniciativa própria, silencia acerca da possibilidade de existência de outros personagens, de sujeitos diversos a comporem o tecido urbano.

Indagar sobre esse silêncio, sobre esse esquecimento, abre caminho para a percepção do cenário urbano como um espaço múltiplo em sua aparente unidade, como um espaço contraditório, permeado de conflitos, expectativas, choques de interesses, de sonhos, projeções, de perdas e derrotas.

A abordagem da história sob o prisma da modernidade abriu espaço para o tratamento de sensibilidades modernas que vão se constituindo, tornando-se paulatinamente predominantes, mas não sem entrar em tensão com outras sensibilidades, outras formas de sociabilidades. Falar em avanço da modernidade é falar de conquistas e de perdas, de beneficiários e de excluídos, de processos de perda de sinais identificatórios no espaço urbano, de sinais de desenraizamento, de formação de sujeitos mais disciplinados, mais controlados.

Trazer momentos iniciais da modernidade em Campinas como uma imagem mais complexa, mais multifacetada. Uma modernidade que tem sua especificidade, sua singularidade, mas que não esgota suas significações em nível local. Pelo contrário, articula-se com outros espaços dessa modernidade, com outras instâncias inclusive mais avançadas tecnologicamente e até portadoras de ritmos mais velozes. Uma modernidade que não avança linearmente; que é expressão de interesse de certos grupos da elite urbana que se esmeram em apontar ou buscar na cidade sinais de seu avanço. Mas há tensões, há contradições, há hábitos novos se instituindo, ao mesmo tempo que há hábitos mais tradicionais insistindo em se fazer existir. É preciso, pois, que se busque a diversidade de personagens urbanos, que se procure escapar do tom de uma nota só cantarolado pela elite da cidade.

Para muitas professoras foi uma descoberta a possibilidade de se trabalhar a história da cidade de outras formas, indo além das

supostas certezas, reconhecendo lacunas de explicação e possibilidades de novas pesquisas. A discussão sobre as concepções de história presentes naquelas atividades acima mencionadas constituiu-se de momentos bastante enriquecedores. As professoras puderam confrontar as possibilidades de percepção de momentos da história da cidade com outras concepções instaladas nas práticas escolares cotidianas. Naquilo que é explicitado e/ou silenciado pelos textos e imagens trabalhados foi possível perceber relações entre possíveis sujeitos, sejam elas relações de conflito, de dominação, de exclusão ou mesmo de solidariedade.

Houve uma tentativa de proceder a um alargamento da concepção de história local, chamando a atenção para os diversos nexos que enlaçam essa realidade local a outros espaços, sejam eles nacionais ou internacionais e, sobretudo, enfatizando como, através das especificidades e singularidades locais expressam-se tendências socioculturais de ordem mais global.

Finalmente, gostaria de ressaltar que houve uma preocupação no encaminhamento da discussão de se colocar uma perspectiva educacional mais ampla no trabalho com a história da cidade, qual seja, a importância de se sentir situado, localizado nesta história, de se perceber como parte deste processo; a importância de nós, professores e alunos, sentirmo-nos e assumirmo-nos como sujeitos dessa história, como sujeitos que têm o direito à cidade, na perspectiva de se re-ligar a esta cidade, de ultrapassar sensações de estranhamento e distanciamento em relação a um espaço do qual fazemos parte.

É importante que fique claro que o que houve neste curto ensaio de aproximação com a formação destas professoras não foi um substituir de visões de história e de história da cidade por outras visões. Na verdade, iniciou-se um processo de intercâmbio com suas experiências pedagógicas pessoais, um diálogo com as memórias trazidas de práticas educacionais anteriores. Não se trata, portanto, de encarar a formação de professores como transmissão de conhecimentos a serem depois reproduzidos por eles, nem tampouco

como treinamento, como adestramento. Mas, como um processo em que os conhecimentos eventualmente trazidos sejam vistos como uma contribuição para o alargamento do campo da reflexão, alargamento das visões sobre as possibilidades de trabalho com a história, com a formação de cidadãos, com a formação de alunos que se reconheçam cada vez mais como sujeitos de seu processo de aprendizagem e também do espaço histórico-social em que vivem.

Notas

* Doutora pela Faculdade de Educação da Unicamp, grupo Memória e História, professora e coordenadora da área de História na Escola Comunitária de Campinas.

¹ Essa crônica faz parte de um conjunto de crônicas publicadas entre os anos de 1877 e 1894, reunidas em publicação da Editora Ática, em 1994, sob o título de “Crônicas Escolhidas”.